

DONA ROMANA DA CONCEIÇÃO: O RETORNO DE UMA BRASILEIRA DA ÁFRICA AO SEU PAÍS NATAL

DONA ROMANA DA CONCEIÇÃO: EL RETORNO DE UNA BRASILEÑA DE ÁFRICA HASTA SU PAÍS DE ORIGEN

DONA ROMANA DA CONCEIÇÃO: THE RETURN OF A BRAZILIAN FROM AFRICA TO HER NATIVE COUNTRY

Anna Martins Vasconcellos*

Resumo

Este artigo pretende como objetivo geral interpretar os significados da visita de Dona Romana da Conceição ao Brasil no ano de 1963. Dona Romana fez parte do último grande embarque de retorno à África de libertos africanos e afrodescendentes no final do século XIX. Por meio das notícias de periódicos e da Revista *O Cruzeiro*, analisei as representações e significados da visita desta neta de libertos africanos, assim como o interesse do governo brasileiro em demonstrar uma imagem positiva sobre suas relações e seu passado com o continente africano. O romance *A Casa da Água*, de Antonio Olinto, que retrata algumas das memórias de Dona Romana e dos libertos que retornaram à África, é utilizada como texto de apoio para este artigo.

Palavras-Chaves: Retornos de libertos / Relações Brasil-África / Representações da visita de Dona Romana

Resumen

Este artículo tiene como objetivo general interpretar los significados de la visita de Dona Romana da Conceição a Brasil en el año de 1963. Dona Romana estuvo presente en el último gran embarque de retorno a África de libertos africanos y afrodescendientes en el final del siglo XIX. Por medio de las noticias de periódicos y de la Revista *O Cruzeiro*, analicé las representaciones y significados de la visita de esta nieta de libertos africanos, así como el interés del gobierno brasileño en presentar una imagen positiva sobre sus relaciones y su pasado con el continente africano. El romance *A Casa da Água*, de Antonio Olinto, que retrata algunas de las memorias de Dona Romana y de los libertos que regresarán a África es utilizada como texto de apoyo para este artículo.

Palabras clave: Retornos de esclavos libertos / Relaciones Brasil-África / Representaciones de la visita de Dona Romana

Abstract

This work has the general objective to investigate the meanings about the visit of Dona Romana da Conceição to Brazil in 1963. Dona Romana was part of the last large group of African and African descent freed people who returned to Africa in the late nineteenth century. Through research of regular newspapers and the magazine *O Cruzeiro*, I have analyzed the representations and meanings of the visit this freed grand-

* Graduada en Historia – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Profesora Adscripta del Programa de Estudios Africanos - CEA - FCS - Universidad Nacional de Córdoba.

daughter Africans, as well as the Brazilian government's interest to show a positive image of their relationship and their past with the African continent. The novel *A Casa da Água*, by Antonio Olinto, portraying some of Dona Romana memories and freedmen who returned to Africa, is used as a supporting text for this article.

Key Words: Freed slave returnees / Brazil and Africa relations / Dona Romana da Conceição visit representations

[Recibido: 28/09/2016 – Aceptado: 23/11/2016]

A visita de Dona Romana ao Brasil – Uma análise das fontes e seu contexto histórico

Este artigo tem o objetivo de por meio dos jornais *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Globo*, e a revista *O Cruzeiro* interpretar os significados e representações da visita de Dona Romana da Conceição ao Brasil no ano de 1963, assim como o interesse do governo brasileiro em demonstrar uma imagem positiva sobre suas relações e seu passado com o continente africano. Elegi a imprensa como fonte para realizar esta investigação considerando que ela pertence à um determinado grupo social que detinham objetivos e interesses específicos.

No inverno de 1963, mais precisamente no dia 17 de Maio, aterrissa no Brasil a convite da diplomacia brasileira e interesses governamentais, uma atípica visitante vinda da África: Dona Romana da Conceição, neta de ex-escrava. Dona Romana da Conceição nasceu em Pernambuco, no ano de 1890. Aos nove anos de idade mudou-se para Salvador, Bahia, com sua avó (ex-escrava) Catarina Pereira Chaves, seu pai, sua mãe e irmãos. É de Salvador que Romana tem mais lembranças: frequentava junto à sua família o mercado quase que diariamente para auxiliar na venda de mercadorias que auxiliaram na arrecadação de fundos para o retorno à África. Sua Avó, Catarina, havia sido levada ao Brasil como escrava há algumas décadas antes, e a pedido desta a família planejou seu retorno à África, que ocorreu no ano de 1900, por meio de um veleiro chamado “Aliança”. No romance *A Casa da Água*, Antonio Olinto narra a ida de Romana e seus parentes de volta à África:

O mar batia na pedra da amurada, um barco veio se aproximando, tinha dois remadores, um deles ajudou a mulher mais velha a passar para a embarcação, Epifânia, Mariana, Emília, Antônio e mais algumas pessoas sentiram a canoa subir numa onda, um pouco além um casco maior de embarcação recebia o sol de lado, a menina ouviu dizerem que era o navio deles, foi levantada até o convés, Catarina conduziu toda a família ao porão, escolheu um canto, desdobrou esteiras, Mariana saiu, o convés do navio estava alegre, homens gritavam coisas, as palavras *olorum*, *aláfia* e *Alá* eram as mais repetidas, um homem gordo e sem camisa ria sentado num barril, a cidade se mostrava na sua confusão de portas e janelas, de morros e ladeiras, filas de bananeiras e coqueiros apareciam entre as casas, a menina distraiu-se com as cordas do navio e com os mastros que subiam ao sol. (Olinto, 2005, p. 55)

Dona Romana da Conceição chega à África aos 12 anos de idade, e se estabelece com sua família em Lagos, onde moraria durante 64 anos antes de visitar sua terra natal novamente.

Ex-escravos chegaram a Lagos até o Início do século XX. Num dos últimos grupos desembarcou, acompanhado pela mulher e pelos filhos, o pai de Dona Romana da Conceição. [...] Era criança quando chegou a Lagos. Com os pais falava a nossa língua. Há muito tempo, no entanto, raras vezes punha os olhos numa palavra portuguesa ou ouvia falar do Brasil. Tem saudades de Pernambuco. Transmitiu essa nostalgia a uma das filhas, Luísa, cujo sonho é visitar o Recife. (Costa e Silva, 2011, p. 110-111)

Dona Romana da Conceição, mulher negra, neta de escravos, veio ao Brasil como convidada oficial do Itamaraty, por meio da articulação do adido cultural da embaixada brasileira em Lagos, Antonio Olinto, em conjunto com o apoio de um empresário brasileiro de Lagos e um funcionário militar (SOUZA, 2008). Durante toda a sua estadia no país, Dona Romana recebeu tratamento de pompa por membros do governo e da Imprensa. A visita de Dona Romana teve cobertura da imprensa televisiva e escrita.

Dona Romana foi convidada de honra em diversos jantares com políticos e intelectuais, mas não apenas: foi posta em contato com os símbolos populares da cultura brasileira. Foi ainda levada a um jogo de futebol a ver o craque Mané Garrincha, herói da Copa de 62 e, ainda no Rio de Janeiro, e recebida com pompa e circunstância pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, que para ela realizou uma cerimônia. Viajou do Rio a São Paulo em jato particular do mesmo empresário que conhecera em Lagos, para de lá fazer uma peregrinação ao santuário de Aparecida, por quem tinha especial devoção. [...], quase sempre com acompanhamento de diplomatas em suas andanças. E, em Recife, reencontrou duas tias, irmãs de sua mãe, das quais não sabia notícias há mais de cinquenta anos, num momento público de emoção, representativo em toda a sua epopeia. (Souza, 2008, p.80)

A visita de Dona Romana era de interesse do governo, pois auxiliava no estreitamento dos laços políticos entre o Brasil e as nações africanas recém tornadas independentes, projeto brasileiro desde o início da década de 1950. Também reforçava a visão que o Brasil queria obter de país de tolerância racial.

Durante o período entre 1961 e 1964, no governo de Jânio Quadros e posteriormente de João Goulart, mudanças importantes ocorreram no cenário político brasileiro, dentre elas a reorientação da política externa brasileira, que antes era voltada para alinhamento com eixo ocidental, agora adquiri como postura uma política externa independente, que pretende articular uma relação mais estreita com os países do terceiro mundo. Os governos de Jânio e Goulart intencionavam que o Brasil obtivesse a liderança entre os países emergentes do Atlântico Sul. Por essa razão o interesse na reaproximação por meio das relações culturais, diplomáticas e comerciais do Brasil com países do continente africano.

Na busca por novas áreas de influência política – e novos mercados – os diplomatas e políticos brasileiros voltaram a atenção para um continente que havia oficialmente ignorado desde o fim do tráfico de escravos, mas que naquele momento demonstrava um novo dinamismo: a África. (Alberto, 2008, p. 100)

Era valorizada por autoridades governamentais e imprensa as semelhanças culturais entre Brasil e África, e a história que ambos tinham em comum que era a presença do co-

lonialismo europeu. Sobre o que os diplomatas brasileiros enfatizavam como consequência dessas histórias atlânticas entrelaçadas, a historiadora Paulina Alberto afirma:

...a tolerância racial que caracterizava o Brasil, evidenciada pela difundida mistura racial e pelas celebrações oficiais e populares da herança africana. Essas atitudes raciais, segundo vários diplomatas e políticos, diferenciavam o Brasil das outras nações das outras nações do Ocidente que buscavam a primazia política e econômica na África independente. (Alberto, 2008, p. 100)

A vinda e a história de Dona Romana auxiliaram no intuito desses diplomatas e membros do governo a valorizar os laços afetivos e intensos do Brasil com o continente africano. É válido mencionar que a Nigéria, país onde morava Dona Romana, havia acabado de se tornar independente, no ano de 1960. Havia a intenção de demonstrar para o cenário internacional que o Brasil possuía uma “Democracia Racial”, caracterizada pela tolerância racial. Muitos brasileiros que não tinham conhecimento da existência de comunidades “brasileiras” em África, como a de Dona Romana, passaram a ter, através das notícias sobre a vinda dela em vários jornais de circulação nacional como o jornal *O Globo*, o *Jornal do Brasil*, o *Correio da Manhã*, e a Revista *O Cruzeiro*.

A Revista *O Cruzeiro* é uma revista semanal que foi lançada no ano de 1928, editada pelos Diários Associados, que consiste em um conglomerado de empresas de mídia do Brasil, foi fundada por Assis Chateaubriand. Foi considerada uma das principais revistas ilustradas brasileiras, deixando de circular no ano de 1975. Na data de 8 de Junho de 1963, publica uma reportagem sobre a visita de Dona Romana ao Brasil com o título de “Como Romana foi pra África”. Na página 22 da revista, um grande título e subtítulo seguido de uma fotografia de Paulo Lorgus, anuncia “Saudade tem apelido Africano. Romana voltou para matar o Banzo.”. A reportagem narra a história de Dona Romana da Conceição, sua saída da Bahia, ainda criança, e agora o seu retorno ao Brasil, com 73 anos de idade. A reportagem enfatiza a emoção e a saudade com a qual Dona Romana retorna ao Brasil, 64 anos depois, a gentileza com a qual ela trata todos que a receberam e sua admiração com a pompa do seu recebimento no Brasil. A reportagem também assinala a presença do Brasil na África, demonstrando a presença de comunidades de “brasileiros” lá, ressaltando que

Ali e acolá pedaços de América alternam com a selva e cidade; e há inevitavelmente, Brasil na arquitetura urbana, na poesia popular, nas lousas dos cemitérios, nos costumes domésticos, na língua dominante, sobretudo na fantasia e no espírito da gente antiga. Romana da Conceição pertence a essa parcela sentimental do povo iorubá, que dividia o universo em África e Bahia. (Revista *O Cruzeiro*, 1963)

A reportagem mostra também a religiosidade católica que Romana carregou do Brasil consigo para a África com uma fala da mesma sobre as dificuldades encontradas durante a viagem de retorno à África: “*Em meio dos sofrimentos prometi a Nossa Senhora Aparecida que, se chegasse viva à terra de meu avô, um dia retornaria ao Brasil para agradecer-lhe!*” (Revista *O Cruzeiro*, 1963, p. 22).

O jornal *Correio da Manhã*, do dia 16 de Maio de 1963, traz uma reportagem cujo o título principal é “Dona Romana da Conceição no Brasil”. A jornalista narra logo no início da reportagem que sua chegada ao *Brasilian Quarter* é recebida com muita alegria, agita-

ção e curiosidade pelos moradores, que sorriem e acenam para a equipe da reportagem. A jornalista conta aos moradores que o industrial Perl Igel, dono de uma firma brasileira de gás ofereceu a passagem ao Brasil para Dona Romana, mas que ela também havia recebido um convite oficial feito pelo ministro do Exterior, Hermes Lima. A reportagem sinaliza a religião católica de Dona Romana da Conceição, afirmando que ela é devota de Nossa Senhora Aparecida, e que pretende visitar a cidade de Aparecida para ver a santa pessoalmente. Descreve também como existe um número considerável de católicos no *Brazilian Quarter*, descrevendo o dia 5 de Maio, no qual ocorre uma missa em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres, que muitos “brasileiros” são devotos, em que todos usam a mesma roupa, e após a missa acontece um piquenique acompanhado de uma feijoada, que Dona Romana faz tradicionalmente. A reportagem termina mostrando a emoção e imensa alegria de Dona Romana com a viagem “- *Quando eu acordo de noite parece que é mentira – diz Romana – parece que estou sonhando. Minha viagem é milagre de Nossa Senhora*” (jornal *O Correio da Manhã*, 1963). Essa reportagem é publicada pelo jornal *Correio da Manhã* um dia antes da chegada de Dona Romana ao Brasil.

O *Jornal do Brasil*, no dia 18 de Maio de 1963, um dia após a chegada de Dona Romana ao Brasil publica uma matéria com o seguinte título “Dona Romana Chega da Nigéria para ver o Brasil, que deixou há 63 anos”. A notícia se inicia narrando quem é Dona Romana da Conceição, neta de ex-escravos, e como ela e sua família voltaram para a África. Em seguida, descreve que Dona Romana desembarcou no aeroporto do Galeão, acompanhada pela mãe do embaixador do Brasil na Nigéria Sr. Antônio Carlos Souza Tavares, em cuja casa ficará hospedada durante sua estadia no Brasil. Segundo o jornal foi o mesmo embaixador que articulou o patrocínio do Itamaraty para a vinda de Dona Romana ao Brasil. Foi na mesma casa da mãe do embaixador que ocorreu a entrevista com Dona Romana, que é apresentada em todo o restante da reportagem.

Na entrevista, Dona Romana afirma que o número de “brasileiros” na Nigéria não ultrapassa mil habitantes, porém todos são muito queridos e respeitados por todos e possuem um relacionamento estreito com a embaixada do Brasil. Sinaliza sua emoção ao retornar ao Brasil e que lhe foi permitida a realização de seu sonho pela própria embaixada:

É difícil descrever a emoção que senti no trajeto do aeroporto até em casa. Não conhecia o Rio, imaginava que a cidade fosse bonita, mas não tanto assim. A Igreja da Glória, por exemplo, rivaliza-se com qualquer uma de Roma, onde passei três dias esperando o avião que me trouxe ao Brasil. (Jornal do Brasil, 1963, p. 7)

No final da reportagem, o jornalista enfatiza que Dona Romana é muito atualizada sobre os problemas e fatos que acontecem no Brasil, através da leitura de livros e revistas que ela tem acesso na embaixada brasileira. Sinaliza também que Dona Romana não esqueceu o português e o fala fluentemente, juntamente com o iorubá, uma das línguas nativa da Nigéria. Termina por afirmar que Dona Romana é católica, praticante, outra herança do Brasil, pertencente à Sociedade do Rosário.

O jornal *O Globo*, do dia 18 de Maio de 1963, mostra a reportagem com o título “Dona Romana realiza o sonho de 63 anos: vê novamente o Brasil”. Já na capa, na pequena descrição da reportagem, o jornal enfatiza o fato de Dona Romana mesmo com seus ancestrais africanos, e tendo morado 63 anos na África, nunca deixou de se identificar como brasileira e de sentir muitas saudades de seu país de origem, chegando ao Brasil exclama:

“*Mas é o meu Brasil! É a minha pátria!*”. Narra que assim que o avião pousou “*Romana desceu quase correndo as escadas do avião, sem se importar com seus 73 anos de idade, tal era a ansiedade de pisar no chão de seu país...*”. Também desde o início é destaque o fato de ela haver mantido a religião na qual teve contato em sua infância no Brasil, a católica, afirmando que havia feito uma promessa a Nossa Senhora aparecida de que se conseguisse realizar o sonho de retornar um dia ao Brasil faria uma visita à cidade de Aparecida, em São Paulo, para ver pessoalmente a santa. A capa do jornal também mostra uma fotografia de Dona Romana em trajes tipicamente africanos, um turbante e uma bata, e afirma que Romana está levando de presente um turbante para o presidente do Brasil. A reportagem conta que Dona Romana passou por uma viagem muito difícil para chegar à África, com vários casos de doenças e até mortes, ao contrário de seu retorno ao Brasil que foi muito confortável, num avião a jato. Mostra que Romana lembra-se de uma infância feliz no Brasil quando vendia amendoim na feira de Salvador. A reportagem demonstra o papel do adido cultural do Brasil em Lagos, que após conhecer a história de Romana, consegue o financiamento de sua viagem ao Brasil como convidada oficial do Itamaraty.

Todas as reportagens analisadas e descritas a cima, demonstram a alegria e emoção de Dona Romana da Conceição ao retornar ao Brasil. Sinalizam também o fato de ela estar muito saudosa do país e de ter passado todos esses 63 anos triste por não poder retornar a vê-lo. Sempre é destaque o fato da religião de Romana ser a católica (devota de Nossa Senhora Aparecida) e o fato dela falar o português fluentemente, apesar de todo esse tempo longe do Brasil. A imprensa legitima por meio dessas reportagens e da figura de Romana a forte ligação do Brasil com a África, mas vista sob um âmbito positivo, como exemplo de tolerância racial:

O teatro montado para a visita de Romana ajudou ao Brasil a se apresentar para a África, mas simultaneamente serviu como polo de atração para representações domésticas de uma democracia racial atualizada. A imprensa nacional consistentemente apresentou não só a visita oficial de Romana, mas também a sua história de vida, como evidência da singular tolerância racial no Brasil. [...] As palavras e atitudes de Romana ajudaram a imprensa a escrever uma história dos descendentes de africanos do Brasil na qual a escravidão e a desigualdade racial não aparecem. (Alberto, 2011, p. 140)

Romana simboliza todos os descendentes de ex-escravos que retornaram para a África e não tem lembranças e imagens negativas do Brasil, apesar de seus ancestrais terem sido escravizados no passado. Mostra a importância da cultura brasileira que é mantida na comunidade dos brasileiros na Nigéria: festas típicas brasileiras, comidas (feijoada, etc.), a religião católica, entre outras. Verifica-se por meio das reportagens como que as relações entre Brasil e África são positivas e com fortes laços, em detrimento de um passado de escravidão.

Portanto, as representações que são legitimadas através da imprensa são de grande interesse do Governo Brasileiro com o intuito de fortalecer os laços políticos Brasil-África e legitimar a ideia de que o Brasil é um país onde a democracia racial predomina e de que a escravidão não foi algo de um todo negativo (esse fator nem é citado nas reportagens). Também é interessante para o governo brasileiro que: “A organização da viagem de Romana pelo Itamaraty reflete o desejo de que a visita demonstrasse para o público africano a boa vontade e amizade do Brasil.” (Alberto, 2011, p. 138)

O sociólogo Gilberto Freyre foi o primeiro intelectual brasileiro a partir para o continente africano com o intuito de realizar uma pesquisa sobre os países daquele continente. Por meio de um convite e financiamento do Ministério do Ultramar de Portugal, o historiador realizou, do período de vai de agosto de 1951 a fevereiro de 1952, uma viagem a qual visitou-se locais que antes tinham sido colonizados por Portugal em África: Goa, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Moçambique.

A partir dessa viagem, Freyre escreveu e publicou dois livros: *Aventura e Rotina* e *Um brasileiro em terras portuguesas*. O segundo livro trata-se de uma análise do colonialismo português, por meio da teoria do luso-tropicalismo criada pelo próprio Freyre. O luso-tropicalismo favoreceu o colonialismo português, afirmando que este foi positivo por inúmeras razões, por este motivo era interessante em um momento de descolonização europeia em África, que o governo português financiasse a viagem de Gilberto Freyre. Segundo o luso-tropicalismo o povo português se caracterizaria como sendo detentor de uma flexibilidade para se adaptar aos trópicos e a permanecer neles. Esta flexibilidade se originaria da formação múltipla do povo português: árabes, israelitas, mouros, orientais, entre outros; por meio da mesma flexibilidade o português teria mais facilidade, do que os demais povos, a se relacionar com os demais povos aos quais manteve contato. Freyre seguiu mais além, afirmando que a colonização portuguesa foi necessária e propícia a miscigenação (que tornaria as raças melhores a partir do contato com o português):

Seu corpo de macho vigoroso multiplicou-se em corpos pardos, roxos, amarelos, morenos, no Oriente, nas Áfricas, na América; e a esses corpos comunicou sua qualidade de português ou transmitiu sua alma de cristão [...] fundou, como se fosse novo Adão, um novo paraíso e se fez sair, de ventres de novas Evas, toda uma raça vigorosa de homens morenos, meio português no corpo e meio cristãos na alma... (Freyre apud Pereira, 1991, p. 57).

Neste sentido, mobilizo o conceito de luso-tropicalismo do Gilberto Freyre para analisar as ideias que circulavam no momento –de que a escravidão havia sido mais branda, positiva e necessária- da visita de Dona Romana da Conceição ao Brasil, articulando-o com a concepção de formação de identidade brasileira que estava em pauta de prioridade do Brasil, em um período de reaproximação com a África recentemente independente. A questão será como Dona Romana e os retornados se sentem saudosos do Brasil e de seu passado no país, se esse passado de escravidão foi terrível? Em todas as reportagens analisadas a escravidão não é mencionada, assim como nenhum aspecto negativo em relação ao passado incomum entre Brasil e África. Os únicos aspectos demonstrados são a respeito de um saudosismo de Dona Romana em relação ao Brasil. Ela, sempre emocionada, visita seus lugares de origem, nunca esquecidos.

Representações da visita de Dona Romana

Entendemos que o conceito de representação é um conceito europeu, formulado para analisar um contexto ocidental. Porém, o utilizaremos para analisar o que a visita desta neta de ex-escravos representou neste momento histórico no Brasil. O conceito de representação é um termo com muitos significados e sem um sentido fixo. Segundo a historia-

dora Dominique Vieira Coelho dos Santos, existe um problema quando a historiografia brasileira mobiliza este conceito em seus trabalhos acadêmicos, pelo fato de que muitos não fornecem uma reflexão conceitual, que sejam esclarecedoras o suficiente sobre o conceito (Santos, 2011, p. 5).

Roger Chartier apresenta reflexões sobre o conceito de representações sociais, nas quais ele afirma que a história cultural tem como principal objetivo “identificar o modo em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 1990, p.17) Desta forma, Chartier defende que é possível analisar uma história cultural que “tome por objetivo a compreensão das representações do mundo social, que o descrevem como pensam que ele é ou como gostariam que fosse.” (Chartier, 1990, p. 19). Ou seja, as representações do mundo social seriam articuladas pelos interesses de uma determinada parcela de indivíduos que as forjam. (Dominique, 2011) O historiador afirma que entre as práticas e os discursos, existe uma distância que deve ser considerada.

Por fim, com o termo “apropriações” Roger Chartier se refere aos modos como um texto, um pensamento, ou uma imagem se transforma e é dada a ler em outros momentos ou outras realidades distintas das que foram produzidas. O autor acredita que há uma série de interpretações, mediações e apropriações que fazem com que seja necessário fazer uma história destas formas de leitura. (Santos, 2011, p. 9)

Segundo Jodelet, a teoria das representações sociais investiga como indivíduos inseridos em seus determinados meios sociais constroem, interpretam e representam o próprio mundo em que vivem. Deste modo, as representações sociais apreendem referências que múltiplos grupos sociais forjam acerca de si mesmos e de suas vivências no tempo e no espaço. (Santos, 2011). Porém deixamos claro que isto não significa afirmar que a questão da representação é algo que ameaça o conhecimento histórico ou que negue o mesmo. O conceito de representação é uma possibilidade que deve ser levado em consideração no momento das análises dos trabalhos acadêmicos em História.

Não estamos sugerindo que de um lado está a representação e de outro o real formando uma dicotomia que obrigue o leitor a escolher, ou ficar com a representação ou com o real. Assim sendo, talvez possamos pensar a *representação* como uma dimensão do real. Ou seja, a representação representa sim, só que não representa “um por um” (Araújo, 2004, p. 165)

Segundo o conceito de representação e todo o contexto histórico apresentado, por meio das notícias de jornais e revistas, podemos analisar que a vinda de Dona Romana da Conceição ao Brasil no ano de 1963 representou o interesse do governo brasileiro em afirmar a representação de um passado em comum com a África que fosse ameno, positivo, saudoso, composto por ricas trocas culturais. Essas trocas culturais são representadas por meio das vestimentas, das comidas, da língua, das manifestações culturais, entre outras que transitaram entre os continentes. As celebrações e o tom oficial em torno da vinda de Dona Romana teria simbolizado a ideia amenizada e “adocicada”, defendida pelo lusotropicalismo de Gilberto Freyre, que se tinha da escravidão, tal como circulava no debate teórico da época já apresentado anteriormente. Entendemos que essa representação é formulada por um determinado grupo social, que neste caso é o composto de por membros do governo

brasileiro, que possuíam um determinado interesse, e que um dos meios de propagarem a sua representação acerca de África e de suas relações com o Brasil. No entanto, há que se lembrar que as motivações, a nostalgia do Brasil e os elementos de memória que ela carregava sobre o país não pertencem a esse conjunto de objetivos políticos, e sim à sua própria história.

Referencias

- Alberto, L. (2011). Para africano ver: Intercâmbios africano-baianos na reinvenção da democracia racial, *Afro-Ásia*, 44, 97-150.
- Albuquerque, D., Rosa da Silva, J. B. (2014). A cada da água: história e memória no romance de Antônio Olinto. *Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, 18(2), 769-793
- Appiah, K. A. (2007). *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.
- Chartier, R. (1991). O mundo como Representação. *Estudos Avançados*, 11(5), 173-191.
- Conceição, José Maria Nunes Pereira. (1991). Os estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – Um estudo de caso: O CEAA (1973-1986). Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo.
- Costa e da Silva, A. (2005). *Um Rio Chamado Atlântico*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Cunha, M. C. (1985). *Negros, estrangeiros, os escravos libertos e sua volta para a África*. São Paulo: Brasiliense.
- Dzidzienyo, A. (1970). A África vista do Brasil. *Afro-Ásia*, 10-11, Salvador, CEAO/UFBa, 79-97.
- Dzidzienyo, A., Turner, L. M. (1981) Relaciones entre África y Brasil: Una reconsideración. *2º Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Afroasiáticos*, Paipa. Colombia. 651- 674.
- Freyre, G. (2006). *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora.
- Guran, M. (2000). *Agudás: Os brasileiros do Benin*. São Paulo: Nova Fronteira.
- Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. São Paulo: Humanitas.
- Olinto, A. (1965). *Brasileiros na África*. São Paulo: Grd.
- Olinto, A. (2000). *A Casa da Água*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Pereira, J. M. (2008). Os Estudos Africanos na América Latina: Um Estudo de caso. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). *In: Los Estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. CLACSO/CEA-UNC. 277-298.
- Souza, M. L. (2008). *Entre Margens: O retorno à África de libertos no Brasil. 1830-1870*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense.
- Verger, P. (1985). *Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Baía de Todos os Santos dos séculos XVIII a XIX*. São Paulo: Corrupio.
- Santos, D. V. C. dos. (2011). Acerca do Conceito de Representação. *Revista de Teoria da História*, 6, 27-53.